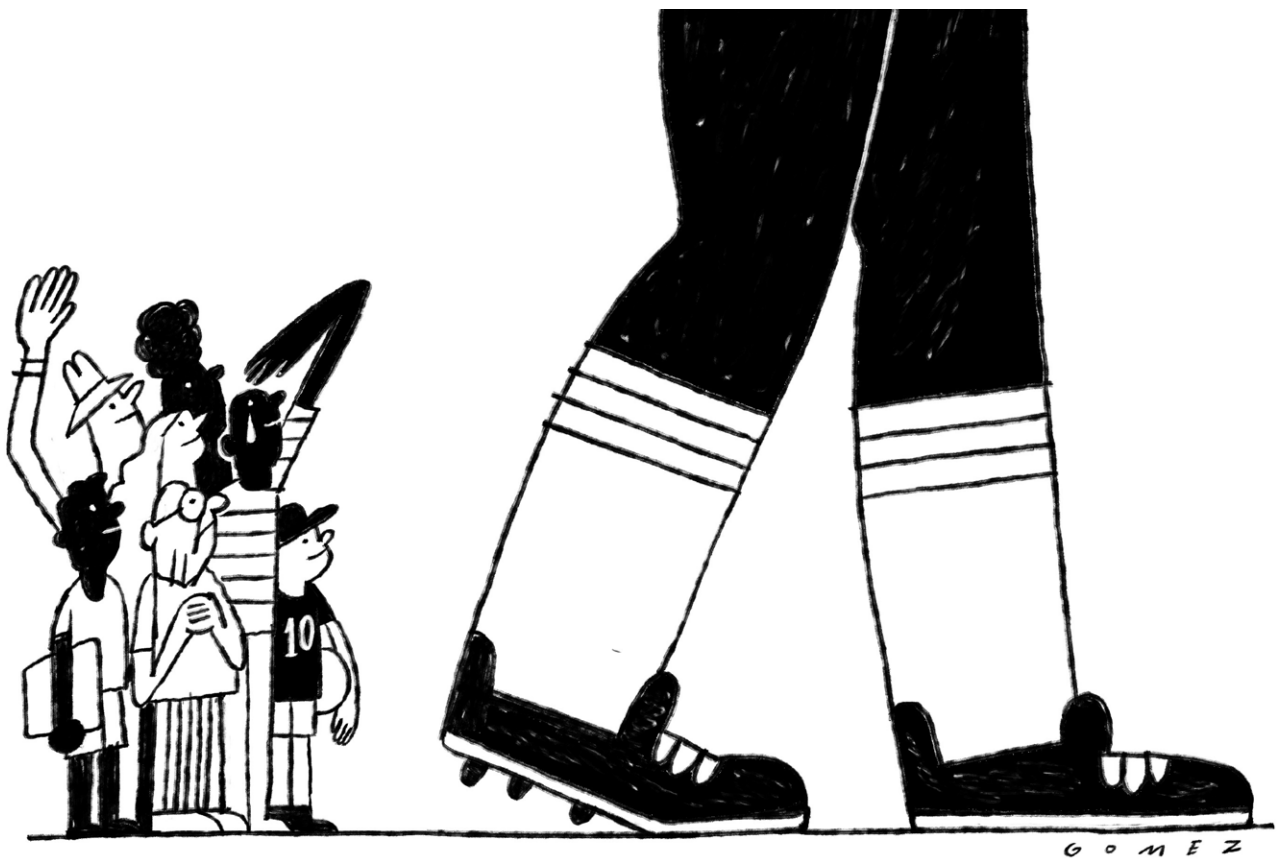
Pelé, impossível esquecer

» JOSÉ CRUZ
Jornalista



Em menos de um mês, o Brasil ganhou destacado espaço na imprensa esportiva internacional. Ironicamente, para registrar duas tristezas. A eliminação da Seleção Brasileira do Mundial do Catar e, a mais recente, a morte do Atleta do Século, Pelé. Entre pódios e alegrias, no futebol e fora dele, o Brasil esportivo também passa por traumas que entristecem a todos. Como a morte de Ayrton Senna, por exemplo, em 1994. O cortejo fúnebre de ontem, em Santos, na despedida de Pelé, lembrou o choro nacional de quando Senna foi sepultado. Nunca mais tivemos um piloto com as características do tricampeão mundial, que nos deixou prematuramente. No futebol, vibramos com outros craques que nos enchem de orgulho. Mas nenhum como Pelé. Nem aqui nem em outro lugar do mundo.

Sobre Pelé já se escreveu tudo, principalmente os que tiveram o privilégio de com ele conviver, como os cronistas da velha guarda, por exemplo. Pelé foi o tal! Como era craque e famoso, podia ousar. E foi assim que arriscou no cinema e na música. Mas o seu chão, mesmo, era a grama dos estádios onde ele desfilou com classe e jogadas criativas que hoje ainda nos deixam babando diante da TV. Porém, Pelé nunca colocou o seu valorizadíssimo prestígio internacional para combater a discriminação dos negros no esporte, aqui e mundo afora. Chegou a ser criticado por essa omissão. Mesmo assim, raramente falava sobre essa agressão no mais popular dos esportes.

Quem sintetiza esse tema é a jornalista Angélica Basthi. Em seu livro *Pelé: uma estrela negra em campos verdes* ela escreveu: "Em 2014, ao comentar o racismo sofrido pelo goleiro Aranha, durante um jogo pelo Santos (time que Pelé também defendeu), disse que, se tivesse parado toda partida em que alguém o chamasse de 'macaco' ou 'crioulo', todos os jogos dos quais participou teriam que ser interrompidos — admitindo, pela primeira vez, que sofria discriminação racial".

Essa abordagem me lembra de uma entrevista com Pelé, ao lado do também bicampeão mundial, Nilton Santos. Os dois moravam em Brasília. Pelé era ministro extraordinário do Esporte, governo de Fernando Henrique Cardoso. Nilton tinha uma escolinha de futebol no estádio Mané Garrincha. Por sugestão do jornalista André Gustavo Stumpf, a editoria de Esportes do **Correio Braziliense** reuniu os dois astros numa conversa de quatro horas. Em volta da mesa estavam craques da reportagem, como Ricardo Noblat, José Antônio Alves, Roberto Naves, Ricardo Mendes... A gravação durou quatro horas e o resultado daquele riquíssimo encontro foi publicado numa edição de 16 páginas do **Correio**, em 1994, se não me engano.

Quando Pelé chegou para a entrevista, Nilton contava histórias maravilhosas da Seleção Brasileira na Suécia, em 1958, ano da primeira conquista do título mundial. Nilton tratava Pelé de "Negrão". E lembrou que as loirinhas escandinavas "nunca tinham visto um crioulo, jovem (tinha 17 anos), pernas de atleta completo, e por ele logo se apaixonavam". O "Negrão" riu com vontade e confirmou aquela confidência do amigo. E foi assim durante todo o papo, sem que ninguém se ofendesse por usar tais expressões que, hoje, motivam processos e longas reportagens.

Enfim, Pelé o "Atleta do Século" mereceu todas as homenagens que recebeu "em vida", como sempre desejou.

Lamentavelmente, Brasília não pôde participar dessa despedida com lembranças que honrem o passado de Pelé por aqui. Num legítimo trambique que envolveu construtoras, a Federação Brasiliense de Futebol e a Câmara Legislativa do Distrito Federal, o Estádio Pelezão, inaugurado em 1966, no Setor de Oficinas Sul, ao lado do Carrefour, foi demolido. O ato criminoso para o esporte em geral ocorreu em 2009, sem qualquer protesto. No lugar estádio, surgiram imponentes edifícios. E o dinheiro dessa transação perdeu-se em distribuições suspeitas entre cartolas de então. Enfim, "vida que segue", como diria João Saldanha, craque do jornalismo esportivo e que, como treinador, de Pelé, inclusive, classificou a Seleção Brasileira para a campanha do tricampeonato mundial, em 1970, no México.

Pelé não foi só o craque que encantou o mundo. Ele foi mais... Não deixava repórter sem resposta e valorizava o trabalho da imprensa. Era gentil nas relações, fora de campo, claro. Como ministro chegou, certa vez, para uma solenidade no Hotel Nacional, por volta da 19h. A multidão o cercou, abraços e autógrafos. Ao ver os repórteres num "cercadinho" (perdão, leitores...) ele levantou os dois braços e, com sua voz forte e rouca, pediu um pouco de silêncio e lascou: "Vou atender os repórteres, primeiro. Eles têm hora para fechar os jornais e nós temos a noite toda para ficar aqui". E assim foi.

Como esquecer de um cara desses?

Israel e Brasil: um ano recorde de parceria

» DANIEL ZONSHINE
Embaixador de Israel no Brasil

Brasil e Israel são parceiros improváveis. Um é país de dimensões continentais com incrível biodiversidade e localizado na América do Sul. O outro, um país pequeno, com 60% do seu território coberto por um deserto e localizado no Oriente Médio. Porém, os laços entre Brasil e Israel datam da criação do Estado Judeu. Essa parceria é possível graças ao apoio brasileiro no plano de partilha de 1947 da Organização das Nações Unidas (ONU), à importante atuação de Osvaldo Aranha, que presidiu aquela Assembleia Geral da ONU, para a aprovação da resolução, e aos esforços posteriores de ambos os países. Ainda que muito diferentes, possuem importantes semelhanças, uma delas as fortes democracias existentes em seus respectivos territórios.

Ao nos aproximarmos do aniversário de 75 anos desde a criação do Estado de Israel, estamos vivendo o melhor momento em nossa relação com o Brasil até agora. O relacionamento entre os dois países é muito amigável e se aprofunda em todos os aspectos. Diversos acordos foram assinados entre os países nas áreas de segurança, tecnologia e ciência, assim como diversas delegações — especialmente econômicas — de ambos os países trocam visitas.

O fluxo de comércio entre Brasil e Israel em 2022 alcançou aproximadamente US$ 4 bilhões — se comparado com o mesmo período em 2021 — mais que o dobro que o ano anterior, além de ter sido um ano recorde de visitas de delegações econômicas entre os dois países. Assim que o Acordo de Livre Comércio Mercosul-Israel foi efetivado, 90% dos produtos que o Mercosul exporta para Israel teve suas taxas de importação imediatamente reduzidas. Muitas demandas brasileiras podem ser atendidas pela indústria israelense, especialmente nos setores médico-farmacêutico, agrotecnológico, de tecnologias da informação e comunicação, água, saneamento e defesa.

Além disso, houve um aumento extraordinário da cooperação nos campos da cultura, ciência, inovação na agricultura e na medicina, defesa e espaço. Mais de 300 empresas israelenses estão ativas no Brasil e contribuem para a economia brasileira implementando tecnologias israelenses nos processos produtivos brasileiros. No turismo, temos grande fluxo de israelenses visitando o Brasil, especialmente jovens israelenses que viajam após completar seu serviço militar obrigatório. Também há um grande fluxo de brasileiros que visitam o Estado de Israel, principalmente para conhecer os locais sagrados do cristianismo.

Ainda podemos falar sobre a grande cooperação na arena multilateral e nas organizações internacionais da grande comunidade judaica presente no Brasil e da grande comunidade brasileira em Israel. Mesmo com as diferenças mencionadas no início do texto, acreditamos ser possível promover uma ótima cooperação na área da sustentabilidade e mudanças climáticas e, no último ano, pudemos ver mais e mais invenções sustentáveis israelenses sendo usadas no Brasil. Israel e Brasil já colaboram mutuamente no âmbito acadêmico: recebemos professores e estudantes brasileiros em todas as universidades mais importantes de Israel, assim como dezenas de universidades brasileiras contam com acadêmicos israelenses.

No fim de 2022, os acordos assinados em 2019 continuam a avançar no Congresso Nacional. Um deles já foi aprovado nesse ano e passou a entrar em vigor. Os novos acordos aperfeiçoam o relacionamento bilateral de cooperação técnica nas áreas da ciência, tecnologia e defesa e englobam parcerias para pesquisas científicas e tecnológicas, organização de programas e participação em conferências sobre os assuntos. Esse é mais um passo adiante em uma relação que só tende a melhorar.

Além de tudo que temos em comum, o Brasil é um país estratégico para a política externa de Israel. Somos povos irmãos, unidos por laços fraternos que se fortalecem cada vez mais. Temos muito a contribuir uns com os outros e muito interesse em fazê-lo. E, conforme olhamos e nos preparamos para o futuro, continuamos a ver inúmeras possibilidades e interesses compartilhados.

Por um olhar estratégico para a engenharia brasileira

» EDUARDO VIEGAS
Presidente do Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva (Sinaenco) e membro do conselho consultivo da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib)

Na última década, vimos os investimentos em infraestrutura no Brasil caírem consideravelmente devido aos problemas fiscais do país. Conforme dados levantados pela Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), em 2020, os investimentos em energia, saneamento e transportes/logística ficou em R$ 93 bilhões, correspondendo a 1,25% do PIB — abaixo, portanto, dos 3,55% do PIB de investimentos necessários nos três segmentos.

Nos últimos anos, os governos federal, estaduais e até municipais concentraram esforços para atrair investimentos da iniciativa privada nesses segmentos. Agentes como PPI, BNDES e outros conseguiram, dentro dos seus limites, estruturar projetos de concessões e PPPs com uma melhor matriz de riscos, viabilizando um número razoável de projetos contratados. Há alguns anos, o setor privado já ultrapassou o setor público em volume de investimentos.

Os novos marcos regulatórios no saneamento, gás e ferrovias ajudaram a melhorar o ambiente para atração de investidores privados. Nesse cenário de estruturação de concessões e PPPs, os engenheiros ficaram em segundo plano, dando espaço a advogados e economistas. Isso porque as questões regulatórias e contratuais, assim como modalidades de financiamento, se tornaram os principais focos de preocupação de investidores. A maioria dos eventos de infraestrutura no Brasil tem como temática principal as questões jurídicas e financeiras – nos últimos anos, houve um crescimento considerável de escritórios de advocacia especializados em infraestrutura e boutiques de assessoria financeira para modelagens de financiamento.

Os advogados e financistas são cruciais para viabilizar projetos. Mas não podem ofuscar a importância do que vem depois da assinatura de uma concessão: a implantação, que ocorre por meio das etapas de desenvolvimento de engenharia conceitual, básica e executiva e de execução das obras. Para estes desafios, é imprescindível contarmos com boas empresas de consultoria de engenharia e construtoras, além de outras especialidades.

Esses segmentos, infelizmente, ficaram em segundo plano nos últimos anos. Muitos empresários sofreram com a redução de projetos. A cadeia de fornecedores, que no Brasil é bastante fragmentada, sofreu com a redução de investimentos desde 2013. O protagonismo das empresas de engenharia e construção foi reduzido e, com isso, houve também perda de mão de obra qualificada. Muitas empresas quebraram no período, mas agora há um cenário favorável para uma retomada. Há projetos no Brasil, mas o framework de implantação, desde a contratação da engenharia, pode ser bastante aperfeiçoado.

Mas tanto na contratação pública quanto na contratação privada há dois fantasmas que sempre estão rondando o setor: política predatória de preços e informalidade. No lado privado, as concessionárias têm a meta de implantar os seus projetos dentro do investimento aprovado pelos acionistas e financiadores, o que é compreensível e plenamente justificável. No entanto, essa meta acaba virando o próprio inimigo, pois á o equívoco de economizar na engenharia.

Um erro comum é a primarização da engenharia dentro da concessionária, fragmentando a contratação de pequenos projetos, o que acaba não formando empresas de engenharia no Brasil. Outro erro está nas concorrências pelo critério de menor preço, que forçam muitos empresários a contratar engenheiros por salários abaixo do piso, ou a pejotização da engenharia.

Um levantamento feito pelo Sindicato da Arquitetura e Engenharia Consultiva em 2016 mostrava que, no Brasil, tínhamos mais de 35 mil CNPJs com Cnae de engenharia de projetos, gerenciamento e supervisão, mas apenas cerca de 200 empresas faturavam mais de R$ 10 milhões anuais. Ou seja, menos de 1% das empresas consegue manter equipe própria qualificada. A maioria são profissionais PJ que prestam serviços por projeto e não formam uma inteligência de engenharia para se perpetuar no Brasil.

No lado público, o cenário é pior. A contratação por pregão se tornou um padrão, com preços impraticáveis para empresas que buscam ter quadro próprio. Espera-se que a nova Lei de Licitações, a 14.133, obrigatória a partir de abril de 2023, reduza esse problema, pois não será mais permitida a contratação de engenharia por pregão. Teremos um cenário desafiador pela frente se investidores públicos e privados não olharem para a engenharia como um parceiro necessário para a entrega dos projetos. Caso não haja entendimento, as dificuldades serão imensas e diversos projetos não se viabilizarão. São necessárias políticas públicas para atrair a formação de engenheiros no Brasil, além de estímulos equilibrados para empresas de engenharia e construção. Como a desoneração da folha, um benefício que somente construtoras detêm, mas empresas de engenharia de projetos não, quando são elas as que mais precisam.

Toda a cadeia brasileira de serviços de engenharia e construção precisa de um olhar estratégico e integrador. Caso contrário, continuaremos tendo uma fragmentação e informalidade que impedirão a formação de inteligência. Há mais advogados e administradores de empresas do que engenheiros no Brasil. Deveríamos ter o contrário se quisermos atingir o crescimento esperado. Fortalecer a engenharia é a solução.